

Sequelas da pandemia

Por: Cristina Vergnano

Como eu ia dizendo, havia no elevador três outros passageiros e, desde a pandemia, fiquei com certo pânico de gente em locais fechados. A covid-19 causou muitos tipos de sequela. Alguns bastante visíveis, outros nem tanto. Para mim, eu me encaixava entre as vítimas desse segundo grupo.

Que fique claro, não cheguei a adoecer. Embora a vacina para a minha faixa etária chegasse tarde, tivemos em casa muitos cuidados. Meu pai pegou, mas foi caso brando, após ter sido vacinado com duas doses. Aconteceu por conta de ser obrigado a retornar ao trabalho presencial. Bem que as autoridades sanitárias tinham avisado da possibilidade de todos, eventualmente, sofrerem contágio. Deu uma tremenda mão de obra reorganizar a dinâmica cotidiana no apartamento para mantê-lo isolado. No final, porém, tudo deu certo e ninguém mais foi contaminado.

Digamos que meu comportamento pode ser considerado até atípico para uma adolescente, pois não tive tanto ímpeto para sair assim que começou o relaxamento das restrições. Ficar em isolamento, com estudo remoto, sem encontrar os colegas e amigos foi um verdadeiro suplício, admito. Confesso, também, que havia dias nos quais me sentia profundamente deprimida. Eu me via como personagem de algum filme distópico, pós-apocalipse, forçada a viver em *bunkers* no subsolo, sem enxergar a luz do sol. Acompanhávamos as notícias das mortes crescentes, da falta de leitos nos hospitais e de insumos, a corrida por vacinas e remédios eficazes, as brigas entre grupos com opiniões divergentes a respeito dos tratamentos e condutas. Foi horrível! E a pressão psicológica escalonava na mesma proporção.

Depois de certo tempo, o pânico de ficar doente, morrer ou ter sequelas graves, começou a substituir (ou, pelo menos, emparelhar-se com) a angústia do distanciamento social. Isso ficou claro quando recebi a notícia do falecimento de um grande amigo. Tão jovem, tão cheio de energia... Aquele foi um divisor de águas na minha avaliação do problema. Se antes eu já estava com medo, passei a sentir pavor, a desconfiar das flexibilizações e a me considerar feliz por poder ficar em casa, segura.

Esse posicionamento ganhou consistência na minha mente, deixou-me confortável com as medidas mais extremas. Tanto é assim que, quando foi cogitada a possibilidade de volta às aulas no colégio, preferi manter a modalidade remota. Isso, a despeito de querer estar com minhas amigas em pessoa.

Foi preciso muito aconselhamento para eu começar a sair, retomar certas atividades, encontrar com a família e amigos. Mesmo assim, ainda hoje uso a máscara em quase todos os ambientes fechados e sinto desconforto diante de situações como as do elevador. Mas estou trabalhando para reverter o trauma. Afinal, agora já tomei vacina, bem como a maioria dos meus conhecidos, os números estão mais favoráveis e há tratamento para os infectados.

Tivemos muita sorte, meus familiares e eu. Não houve complicações nem mortes. No entanto, me doem as histórias que foram diferentes. Todas e todos cujas vidas estão alteradas em função das sequelas físicas, cognitivas, emocionais e sociais provocadas pela pandemia. Torço para que não precisemos vivenciar outros episódios semelhantes na minha vida.